

CARLOS WALTER E A COMISSÃO PASTORAL DA TERRA: CIÊNCIA, MILITÂNCIA E AFEIÇÃO.

CARLOS WALTER AND THE PASTORAL LAND COMMISSION: SCIENCE, MILITANCY AND AFFECTION.

Ruben Siqueira ^A
Flavio Lazzarin ^A

^A Comissão Pastoral da Terra (CPT), Brasil

Recebido em: 15/07/2024 | 17/07/2024 DOI: 10.12957/tamoios.2024.85960

Correspondência para: Ruben Siqueira (siqueira.ruben@gmail.com)

Resumo

Este artigo, feito a muitas mãos, visa resgatar e caracterizar a memória da relação de trabalho, parceria e amizade que, por quase 20 anos, mantiveram o professor Carlos Walter Porto-Gonçalves e a Comissão Pastoral da Terra – CPT. Ele, geógrafo agrário militante, no seu labor acadêmico e ação política mutuamente requerentes e complementares, teve na CPT, um organismo pastoral de solidariedade aos movimentos, organizações e lutas camponesas, uma fonte privilegiada de dados, e ela encontrou nele um porto seguro de reflexão e apoio. Em especial, esta relação tinha ponto de partida e alento no CEDOC – Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, com seus dados de conflitos no campo brasileiro, coletados, sistematizados e publicados desde 1985. O artigo é memória e análise, homenagem e gratidão. Consta de duas sessões: a primeira, baseada em depoimentos de membros do CEDOC, traz os principais elementos do percurso daquela parceria; a segunda versa sobre a assessoria à atuação da CPT, a partir de opiniões de seus agentes, de lideranças camponesas e em eventos da CPT, que ilustram as principais contribuições do professor, comentadas nas considerações finais, revelando a identidade e a cumplicidade da relação Carlos Walter / CPT e o quanto ela foi amorosamente significativa e produtiva para ambos e além.

Palavras-chave: Comissão Pastoral da Terra; Carlos Walter Porto-Gonçalves; Geografia Agrária; Conflitos no Campo; Ecologia.

Abstract

This article, written by many hands, aims to recover and characterize the memory of the relationship of work, partnership and friendship that Professor Carlos Walter Porto-Gonçalves and the Pastoral Land Commission (CPT) maintained for almost 20 years. He, a militant agrarian geographer, in his mutually demanding and complementary academic work and political action, found in the CPT, a pastoral organization of solidarity with peasant movements, organizations and struggles, a privileged source of data, and she found in him a safe haven of reflection and support. In particular, this relationship had its starting point and encouragement in CEDOC - Centro de Documentação Dom Tomás Balduino, with its data on conflicts in the Brazilian countryside, collected, systematized and published since 1985. The article is memory and analysis, homage and gratitude. It consists of two sections: the first, based on testimonies from members of CEDOC, presents the main elements of that partnership; the second deals with advising the CPT's work, based on the opinions of its agents, peasant leaders and CPT events, which illustrate the professor's main contributions, commented on in the final considerations, revealing the identity and complicity of the Carlos Walter / CPT relationship and how lovingly meaningful and productive it was for both of them and beyond.

Keywords: Pastoral Land Commission; Carlos Walter Porto-Gonçalves; Agrarian Geography; Conflicts in the Countryside; Ecology.

INTRODUÇÃO ¹





Em 07/06/2011, o geógrafo e professor Carlos Walter Porto-Gonçalves, convidado pela Comissão Pastoral da Terra – CPT / Regional Pará, participou de uma sessão na Câmara dos Deputados, em Brasília, sobre os dados constantes na publicação “Conflitos no Campo Brasil 2010”. Lá, ele foi equivocadamente inscrito como deputado e anunciado como coordenador da CPT. Ao iniciar sua fala, ele assim se expressou:

Queria só fazer uma observação à Presidência da Mesa: não que não gostasse de ser o Coordenador Nacional da CPT, mas não sou.

Na verdade, queria agradecer ao Deputado Arnaldo Jordy, do PPS do Pará, por ter sido sensível à demanda que os companheiros da Comissão Pastoral da Terra do Pará fizeram para que eu pudesse vir aqui fazer este depoimento.

Minha intervenção se dá, na verdade, a partir do lugar de onde falo. Sou professor universitário e pesquisador da Universidade Federal Fluminense e venho há muitos anos desenvolvendo pesquisas sobre conflitos no campo no Brasil. Nesta condição de professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense é que eu gostaria de falar sobre este tema.²

A confusão sobre sua relação com a CPT e sua resposta nos servem de mote e direcionamento para este nosso texto de recordação e homenagem a Carlos Walter. Nos 20 anos em que esta relação foi presencial – antes ele já trabalhava com os dados de conflitos produzidos pela CPT – suas marcas notórias foram proximidade, cumplicidade, um pertencimento, feitos com muito afeto, que era um dos seus dons principais, mas também a preservação da postura investigativa e magistral. Na verdade, mais que assessor, tal sua identificação com o propósito e a prática da CPT, ele se considerava membro dela.

Assim, com a intenção de sermos fiéis ao que nos parece ser a característica principal desta relação e deste cientista, e mesmo arriscando um formal didatismo, imaginamos poder dividir o texto em dois blocos, separando ciência e militância, com afeição nos dois. Óbvio que não deu certo, porque, em se tratando de Carlos Walter, esta separação não procede. Talvez seja ele, ao menos em nosso meio atual, um dos mais notórios cientistas da Geografia – Biogeografia, como ele preferia e estão a demandar, cada vez mais, os tempos que vivemos – que tenha rompido, na prática, as fronteiras tradicionais do exercício (público-político) da ciência.

Daí que nos obrigamos a misturar as coisas. E optamos pelo viés histórico: por primeiro, a cooperação precípua ao CEDOC – Centro de Documentação Dom Tomás Balduino / CPT, em seguida, a assessoria aos agentes pastorais e aos movimentos camponeses em que a CPT se faz “presença solidária, profética, ecumênica, fraterna e afetiva, que presta um serviço educativo e transformador junto aos povos da terra e das águas [e das florestas], para estimular seu protagonismo”.³

Como a nos justificar, Cássia Regina S. Luz, coordenadora do CEDOC à época do início da parceria com Carlos Walter, à frente do LEMTO – Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades / UFF – Universidade Federal Fluminense, assim se expressa sobre ele:

Intelectual que amava tanto a si mesmo que conseguia compartilhar a vida com todos, havia entendido a simplicidade do bem viver; esse seu jeito



simples "ajuntava" ao seu redor, alunos, pesquisadores, trabalhadores, quilombolas, matutos de todo lugar para prosa boa.

Esta perspectiva intelectual e militante – “convivente” – é sua marca desde o início de sua trajetória, com a primeira pesquisa, em 1976, em Campos dos Goytacazes – RJ, provocado por seus alunos a subsidiar a defesa (vitoriosa) de pescadores da Lagoa Feia que estavam sendo presos por resistirem à expansão da cana-de-açúcar às margens da lagoa, o que lhes impedia a pesca, seu principal meio de vida. Relata o próprio Carlos Walter na entrevista a Laura Sarmiento:

*A partir deste momento, uma primeira convicção se tornou importante para mim até hoje: a ideia de que existem matrizes de racionalidades distintas. Enfim, é possível conhecer o mundo a partir de diferentes matrizes de conhecimento. Isso vai marcar minhas convicções teórico-políticas, com a defesa desses conhecimentos, da importância do conhecimento local. (...) Afinal, eu havia sido testado e, assim, aprendi essa lógica camponesa de falar por vários mecanismos, não necessariamente com palavras.*⁴

A parceria de Carlos Walter com a CPT tem raízes e frutos que só foram possíveis por conta desta cumplicidade com o ser, saber e fazer do campesinato brasileiro, co-produtor de “saberes vernaculares e conhecimento científico”,⁵ própria também da CPT, conforme seu método de atuação, que prima pelo protagonismo camponês.⁶ Este seu jeito facilitava não só a proximidade, mas também a profundidade e cientificidade de toda e tanta “prosa”. Inclusive esta “prosa” aqui...

I. Análise (dos dados) de conflitos no campo

A análise dos dados de conflitos no campo documentados pela CPT desde 1985, como exigência do acompanhamento e assessoria às resistências e lutas camponesas, sempre foi um desafio. A chegada, em 2004, de Carlos Walter ao CEDOC/CPT trouxe novas e inovadoras perspectivas de análise. É o que se pode constatar, facilmente, nas 17 edições dos relatórios anuais de conflitos no campo construídos e publicados pela CPT, entre 2004 (o primeiro que contou com sua colaboração) e 2021 (o último de que ele participou), em parceria ou não (apenas três são de autoria individual). Foram 19 textos – possivelmente o maior número de contribuições aos cadernos – quase todos em parcerias e com ativa colaboração do CEDOC, em torno de três eixos, ao que nos parece: a conflitividade no campo se dá produzida no rastro da farsa modernizadora/desenvolvimentista/re-colonialista do capital no campo, o agronegócio à frente; o (des)entendimento sobre a (des)continuidade da questão (da reforma) agrária brasileira, à direita e à esquerda; o protagonismo dos povos e comunidades tradicionais, r-existentes em seus territórios, com suas biodiversas territorialidades, na prática da verdadeira ecologia, com sua lógica avessa ao econegócio; etc.

Múria Carrijo, do CEDOC, nos confirma:

Ao fazer análise dos dados dos conflitos no campo, Carlos Walter não via números, mas por trás dos números ele enxergava povos, comunidades e



territórios que re(existiam) com os seus saberes. Ele olhava a realidade sob perspectiva absoluta e relativa, sempre relacionando várias bases de dados, para ampliar olhares sobre a conflitividade no campo. Além disso, ele pensava em mutirão. Tinha o hábito de escutar atentamente as pessoas que estavam em projetos junto com ele, para depois elaborar suas análises e, ao final, ressaltava a coletividade na produção.

Antônio Canuto, membro histórico da CPT, um dos seus fundadores, da coordenação do CEDOC à época, diz:

Carlos Walter, pode-se dizer, conseguia tirar leite de pedras. Ele ao analisar os dados dos conflitos no campo registrados pela CPT não se limitava a enquadrá-los em esquemas já prontos, mas criava novos instrumentos de análise que aprofundavam, e muito, o que os dados encerravam. Ele fazia uma forte ligação dos dados de agora com todo o processo histórico de exploração da terra e do trabalho humano. Sobre isso, frisava que os engenhos de açúcar, na primeira colonização, representavam o que havia de mais moderno no mundo. E que, hoje, o Brasil não exporta “commodities”, mas produtos altamente manufaturados.

Esta perspectiva histórico-crítica cruzada no olhar biogeográfico nos parece ser um dos segredos da profunda e profícua contribuição de Carlos Walter na interpretação dos dados de conflitos no campo, como de toda sua imensa produção de conhecimentos.

1. Conflitos no mapa do avanço do agronegócio

Como bom geógrafo, a primeira proposta ao chegar foi colocar os dados sobre o mapa do avanço no agronegócio no país: a maior incidência dos conflitos se dava nas frentes deste avanço e era produzida por elas. Isto significou um salto qualitativo de interpretação que, ao mesmo tempo, contrariava a narrativa, hegemônica na chamada “grande mídia”, de que os conflitos agrários eram gerados pelas ocupações de terra, os acampamentos e retomadas e autodemarcações de territórios por povos originários e comunidades tradicionais. Isto favoreceu a crítica ao agronegócio autoproclamado, em intensa propaganda, pilar da economia e do desenvolvimento do país, ao esconder as bases em que se dão seu “sucesso” e dele as consequências socioambientais nefastas. Como ele diz no texto de 2004,

A partir daí, numa perspectiva socioambiental, foi possível perceber também que era nas zonas de transição entre os biomas (ecótonos), principalmente entre Cerrado e Amazônia, a maior incidência destes conflitos. O que foi decisivo para seu estudo magistral publicado pela CPT e a FASE – Federação dos Órgãos para Assistência Social e Educacional como subsídio fundamental para a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado: *Dos Cerrados e de suas riquezas: de saberes vernaculares e de conhecimento científico*, já citado.

2. Índices de violência no campo



E, na mesma ocasião, Carlos Walter propôs os inovadores “índices de violência no campo”, constantes no seu primeiro texto para os nossos relatórios anuais:

A partir dos dados coligidos em todo o Brasil pela Comissão Pastoral da Terra – CPT – é possível acompanhar a evolução das lutas sociais no campo brasileiro. Os dados que serão a seguir analisados nos permitem identificar três dimensões diferentes das lutas que se travam no campo brasileiro, a saber: 1 – o grau de conflitividade e de envolvimento da sociedade brasileira no que concerne à evolução do seu quadro agrário; 2 – o papel protagônico do poder público, em particular, do Poder Judiciário e repressivo (aparelho policial) como parte desses conflitos e; 3 – o papel do poder privado no campo brasileiro, é dizer o papel do latifúndio (melhor seria dizer, do latifundiário). Os dados coligidos pela CPT nos permitem formular uma análise com um elevado grau de precisão estatística para fenômenos com forte componente de indeterminação e acaso, como soem ser os que implicam as lutas sociais.⁷

Relacionadas as porcentagens de população rural e de conflitos de cada Estado da Federação a estes mesmos quantitativos nacionais, resultaram que os índices de violência no campo podem ser Altos, Muito Altos, Altíssimos e – acrescentados no relatório do ano seguinte, 2005 – Excepcionalmente Altos, e, no cômputo final, um Índice Geral de Violência.⁸

A aplicação destes índices traz mais luz sobre estes processos e reforça as reiteradas denúncias de que a violência acompanha a expansão do agronegócio e se concentra nos Cerrados do Centro-Oeste e no Norte Amazônico, “onde as últimas fronteiras agrícolas são conquistadas às custas do sofrimento e do sangue dos trabalhadores e dos que os apoiam”.⁹

Sobre este início da colaboração com a CPT, Carlos Walter comentou em outro artigo, de 2006, baseado neste primeiro com a CPT:

Trata-se de um estudo que me foi solicitado pela Comissão Pastoral da Terra – CPT, acredito, por minhas pesquisas sobre a geografia dos movimentos sociais, a que venho me dedicando no LEMTO – Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense. O estudo analisa os dados de violência contra a pessoa no campo brasileiro durante o ano de 2003, para publicação nos Cadernos que a CPT publica anualmente, desde 1985, sobre a violência contra os que lutam por justiça e reforma agrária no Brasil. Tais Cadernos da CPT destinam-se, sobretudo, aos seus agentes pastorais, muito embora no seu lançamento a CPT procure chamar a atenção da sociedade brasileira [...]. Não se trata, portanto, de um artigo científico convencional, muito embora o seja a carpintaria teórico-conceitual, metodológica e técnica que o sustenta.¹⁰

3. Conflitos iminentes

Cássia Regina nos conta outra passagem reveladora sobre quem era Carlos Walter, como trabalhava e como se dava sua parceria com a CPT:



Na elaboração dos dados de 2010, estava evidente que a ênfase eram os ameaçados de morte que acabaram vítimas de assassinato. Elaborei um relatório grande sobre eles, fazendo a comparação entre os casos de pessoas que eram ameaçadas, de quantas já haviam sofrido tentativas de assassinato e, destas, quantas tinham sido assassinadas. Carlos Walter, quando viu, ele disse: Eu não trabalhava com as denúncias de ameaças até agora, trabalhava apenas com as vítimas de assassinato, mas diante do que você traz entendi que as ameaças de morte são conflitos iminentes e é por isso que a CPT denuncia isto desde o início dos registros, provando que uma ameaça é um conflito. Quando, agora, vi a capa do caderno de 2011, com a foto de José Claudio e Maria do Espírito Santo, me lembrei de muitas conversas com ele e muitos dias de trabalho em cima disso.

4. Conflitos ambientais?

Internamente na CPT e mesmo fora, entre parceiros, cresciam as pressões por incluir a dimensão ambiental na identificação e documentação dos conflitos no campo. Em 2009, cogitou-se em elaborar um relatório sobre o tema. Carlos Walter foi crítico da ideia, pois, segundo ele, a questão ambiental era muito ampla, complexa e sob grande multiplicidade de atores e interesses, e correríamos o risco de aí nos enredar e perder o foco no agrário em que alcançamos especialidade e excelência. Compreendemos, com ele, que o ambientalismo que mais nos interessa é aquele afeito aos povos e suas lutas por r-existências em seus territórios e territorialidades, como nos ditos de seu parceiro Chico Mendes, que ele vez por outra repetia: “Não há defesa da floresta sem os povos da floresta” ou “Não há floresta sem os povos da floresta, nem povos da floresta sem a floresta” e “Ecologia sem luta de classes é jardinagem”. Na verdade, trata-se do mesmo enfrentamento, ao agronegócio que “mata e desmata”.¹¹

Uma fala dele quando era concluída a informatização do banco de dados do CEDOC, dizia, segundo Cássia Regina:

Cuidem bem desse jardim, ele é bonito demais e podem aparecer muitos olhos agora que está pronto... Este acervo é o único no mundo com essa parte da história do Brasil... Com o banco de dados sistematizado, com suas fontes arquivadas, e depois de pronto, aparece muita gente querendo fazer parceria.

II. Assessoria à atuação da CPT

Toda esta intensa parceria analítica dos dados de conflitos produzidos pela CPT, em se tratando dos dois parceiros, óbvio que viria acompanhada de envolvimento diversos de Carlos Walter com os/as agentes da CPT em seus trabalhos, nas diferentes regiões, em especial nas Amazônias e nos Cerrados – plurais, como ele insistia em dizer. Nestas ocasiões, os referenciais analíticos construídos e publicados nos cadernos tornavam-se em referenciais da prática político-social e pedagógica dos parceiros – assessor e assessorados/as. Como um “intelectual em movimento”, interessavam-lhe os movimentos sociais em que estávamos inseridos como apoio e assessoria. E, nos quase 20 anos desta parceria, não faltou um em que não contamos com a co-laboração dele, à distância e, sobretudo, presencialmente.



Se conflitos são “sentidos de território em disputa”, como ele nos ensinou, as disputas sócioterritoriais, mais que e a partir dos dados sobre elas, nos interessam, nos interpelam e nos cobram – a nós, ele incluso. E com mais riqueza de elementos, com sua assessoria. Afinal,

*Se a geografia se funda na tentativa de compreensão da organização espacial da sociedade, chegou a hora de admitir que nosso interesse coincida com o interesse dos sujeitos instituintes das práticas que investigamos, pois que não há espaço e território sem saber [...].*¹²

Nesta linha, respalda-nos a reflexão precisa de Valter do Carmo Cruz, no seu belo artigo de resgate da obra de Carlos Walter:

*[...] podemos falar, na sua leitura, de geo-grafias, em que os diferentes movimentos sociais re-significam o espaço e, assim, com novos signos, grafam a terra, geografam, reinventando a sociedade. A geo-grafia que o referido autor produziu foi uma geo-grafia da ação, das práticas socioespaciais, dos sujeitos. Por isso, podemos afirmar que ele foi um geógrafo, um pensador dos povos, das comunidades e dos movimentos sociais na luta pela afirmação de seus territórios e suas territorialidades, Ou seja, uma geografia das r-existências territoriais. Mas o que significa fazer uma geografia das r-existências territoriais? Significa pensar que os povos, as comunidades, as classes e os movimentos sociais, quando lutam pelo direito aos seus territórios, não lutam somente para resistir contra os que os exploram, dominam, oprimem e estigmatizam, mas também lutam por uma determinada forma de existência, um determinado modo de vida e de produção, por diferenciados modos de conhecer, sentir, agir e pensar [...]. A geo-grafia das r-existências de Carlos Walter Porto-Gonçalves é afirmativa da diversidade ontológica, epistêmica e das formas e modos de vidas.*¹³

A exemplificar estes elementos da nossa relação de militância com Carlos Walter, reproduzimos, a seguir, alguns depoimentos que, de bom grado, nos deram agentes da CPT e lideranças camponesas de movimentos acompanhados pela CPT. Em seguida, trazemos informações e reflexões de eventos da CPT que contaram com assessoria dele.

1. Depoimentos de Agentes da CPT

Carivaldo Ferreira dos Santos, agente da CPT Centro-Oeste da Bahia, Núcleo da Barra, em Ibotirama – BA:

Carlos Walter foi figura central para a luta dos movimentos sociais. Com seu jeito simples de ser, sabia “ensinar/aprender” com o povo como poucos. Um grande intelectual que usava sua intelectualidade também para aprender com a simplicidade de pessoas com quem ele convivia.



Dentre vários momentos de convivência com ele, quero trazer aqui dois. Um foi nos dias 02 e 03 agosto de 2017, quando a equipe da CPT Centro Oeste da Bahia e outros parceiros realizaram, em Ibotirama, um encontro intitulado “A conjuntura e a sua relação com os bens naturais”, em que estiveram presentes várias comunidades da região Centro Oeste da Bahia e Carlos Walter contribuiu com a análise de conjuntura e em todo o encontro. Foram tantas informações que ele trouxe, tanto de situações de ameaças quanto de resistências e como ele falava com empolgação sobre os Protocolos de Consulta [“prévia, livre, informada e de consentimento”, prevista na Convenção 169 da OIT – Organização Internacional do Trabalho, da qual o Brasil é signatário], sugerindo que esse era um instrumento que as comunidades precisavam lançar mão frente aos projetos que as ameaçavam, que algo contribuinte para a resistência nos territórios.

O segundo foi quando estive com ele por alguns dias, acompanhando-o numa pesquisa sobre as potencialidades das comunidades de Fundo e Fecho de Pasto na Bahia, neste caso específico, em Oliveira dos Brejinhos – BA. Foi bonito ver e ouvir como ele tratava com carinho e valor cada relato das pessoas. Quando, por exemplo, alguém dizia “aqui a gente colhe só um pouco de hortaliças” ou “minha vaca só produz três litros de leite”, ele perguntava “quanto vale isso?”. As pessoas ficavam sem resposta e ele dizia “não importa se vocês sabem ou não o valor monetário, pois o valor maior é ser produzido por vocês, de forma saudável e não precisar comprar; o que vocês gastariam comprando esses produtos sobra para comprar outras coisas que não têm como produzir aqui”.

Em síntese, Carlos Walter foi e continua sendo, com seu legado de trabalhos produzidos e os ensinamentos nas memórias de quem com ele conviveu, uma referência para quem luta por um mundo justo.

Valéria Pereira Santos, administradora e doutoranda em Geografia, agente da CPT – TO, atualmente da Coordenação Nacional da CPT:

Carlos Walter Porto-Gonçalves nos ajudou a reconhecer as complexidades dos Cerrados e das Amazônia, sob a perspectiva das lutas e re-existências dos seus povos e comunidades tradicionais, valorizando as matrizes indígenas e quilombolas fundamentais no processo de ocupação e povoamento destes biomas. Ele nos ajudou a perceber as novas formas de organização dos homens e mulheres desses grandes espaços/territórios de vida, em que a convivência, a conservação e a transformação deles por esses sujeitos são permeadas de saberes ancestrais, espiritualidades, ritos e tecnologias comunitárias milenares. Sua paixão por essas comunidades era fascinante, de onde encantava a todos com suas narrativas das situações de pesquisas de campo, com as Quebradeiras de Coco Babaçu, os indígenas Xavantes, as Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto, os seringueiros, os ribeirinhos e tantos outros que povoaram suas experiências de vida. Carlos exaltava as novas formas de luta e organização desses povos e comunidades, mas era incisivo quanto ao foco de toda essa luta no enfrentamento ao latifúndio, pelos movimentos sociais e pela CPT.



Samuel Britto das Chagas, engenheiro agrônomo, ex-agente da CPT Bahia, São Félix do Coribe – BA:

Carlos Walter sempre queria saber, se manter atualizado com o que acontecia com os muitos grupos camponeses acompanhados pela CPT por outras organizações e movimentos sociais.

Sempre presente nos muitos eventos da CPT, por exemplo os Congressos Nacionais de cinco em cinco anos, Carlos Walter se utilizava do diálogo e da escuta para se “encher” de informações sobre a realidade do campo. Em nossa convivência com ele, era comum ele retomar algum depoimento de algum dos Congressos como referência para justificar o seu pensamento e até suas elaborações. Por nutrir profundo respeito pelo campesinato é que a sua compreensão dos saberes e conhecimentos vernaculares destes povos lastreava sua escrita e pensamento, o que contribuiu para que ele se tornasse a referência internacional nas temáticas que estudava.

“A vasta cultura e o acervo de conhecimento faziam de Carlos Walter um educador com grande capacidade de construir elos nos muitos diálogos que fazia. Era como se houvesse sempre pronto um caminho a construir a partir da realidade para a teoria e desta de volta à realidade, a tecer a práxis do conhecimento. Certa vez, durante um dos encontros de formação da CPT Bahia, em Salvador, ele dialogou por três dias com os agentes pastorais sem utilizar anotações ou recursos audiovisuais. Com isso, ele surpreendia a todos, pois o conhecimento e a informação fluíam pela fala, pelos gestos, na facilidade de se expressar e comunicar. Neste mesmo encontro, ele disponibilizou para quem quisesse um pendrive com toda a sua obra acadêmica, inclusive livros recém-traduzidos por ele para o português. Assim revelava que sua maior paixão era disponibilizar generosamente o que produzia, pois, conforme dizia, seu conhecimento era coletivo.

“[...] ele mantinha sempre viva a chama Revolucionária, e a crença confiante de que a construção de novas referências epistemológicas para a uma sociedade justa, igualitária e fora da égide do capital, era necessária e urgente. Num dos muitos diálogos que tivemos às vésperas dele adoecer, ele estava encantado ao ler a biografia de Francisco Julião, e nos provocava para a necessidade de revisitar-se a experiência das Ligas Camponesas, comparando-as as Juntas de Bom Governo (JBG) dos Zapatistas Mexicanos. Com isso, ele firmava o compromisso que o movia, e que lhe foi “caro” a vida toda, a garantia da soberania, autonomia e protagonismo populares.

“O trabalho e a disciplina eram obsessões para nosso educador, sempre atento, tendo um método próprio e muito fluído de transformar em palavras o que pensava. Quando ele se deparou com o levante dos ribeirinhos, em Correntina-BA, em novembro de 2017, engajou-se a tal ponto que transformou algumas anotações, para uma audiência pública sobre o ocorrido, em contribuição para o livro “Os pivôs da discórdia e a digna raiva: análise dos conflitos por terra, territórios e água em Correntina-BA”,¹⁴ que tive o prazer de elaborar com ele. Até chegar à versão final, o



livro teve 16 versões trocadas entre os autores, em busca de aperfeiçoamento e maior coerência com a realidade analisada.

“A última elaboração que fiz com Carlos foi em função de um pedido do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento-CEBRAP para o Caderno CEBRAP Sustentabilidade sobre “A dinâmica do complexo de poder da soja e o acirramento dos conflitos territoriais nos cerrados brasileiros”.¹⁵ Quando a Louise Nakagawa me procurou, não pensei em outra pessoa que não fosse Carlos para elaborarmos juntos mais esta análise. E quando lhe fiz o convite, ele, com a maior disponibilidade e compromisso, topou na hora. Na verdade, ele já tinha os dados, e daí foi só um exercício de os organizar e lhes dar a consistência que o artigo sugeria. Mais uma vez um momento de grande aprendizado, pois era sempre com muita ternura, respeito e diálogo que estas construções se davam.”¹⁶

2. Depoimentos de lideranças camponesas

Iremar Barbosa, professor, cantador, morador do Fecho de Pasto Couro do Porco / Arrojelândia e liderança dos movimentos sociais de Correntina – BA e do Oeste Baiano:

Conheci o professor Carlos Walter, numa dessas tantas visitas que ele, treinado no estradear, fez aqui pras bandas da região Oeste da Bahia. Como era do seu jeito, veio ver, de perto, a luta do povo trabalhador.

Vivíamos, naquele momento, um pico de enfrentamento da “grilagem” contra os “Fechos de Pasto” aqui da região. A luta não era somente por terra, mas também por água e direito aos territórios. Naquela época – como agora –, quem prendia os pistoleiros e os entregava na delegacia de polícia eram os próprios agricultores, visto que nenhum pistoleiro ou grileiro da região foi alcançado pelo poder do Estado.

O professor Carlos Walter tinha uma coisa muito especial e curiosa que percebi quando da chegada dele, aqui, no Oeste da Bahia: escutava atentamente a fala de cada participante de reuniões ou rodas de conversas e ao final, costumava dizer algumas palavras curtas e bem embasadas.

Numa dessas oportunidades, quando a gente discutia sobre a identidade “geraizeira” do povo aqui do Oeste da Bahia, ele despachou: “É preciso ter cuidado com as identidades. Quando isso fica forte demais, cria um certo grau de supremacia frente às outras identidades. Por isso, é muito importante cuidar logo de agora das múltiplas identidades do nosso povo: uma hora ele é geraizeiro, outra hora beiradeiro, outra agricultor familiar, outra atingido por barragens, outra quilombola e por aí vai”.

Com esmero, sempre recomendava uma ou outra leitura de autores que inspiraram a luta do povo por terra trabalho e pão. Quando numa conversa aleatória, falei com ele sobre um aspecto cultural comum por essas bandas de cá, especialmente sobre a mortandade de crianças por “mal de sete dias” (tétano), ele imediatamente disse: “Você já leu Sete Palmos de Terra e um Caixão, de Josué de Castro?”. Lógico que nunca tinha lido. Depois ganhei de presente de uma professora da UnB [Universidade de Brasília]



De tantas visitas que ele fez, guardei momentos especiais dele junto ao povo trabalhador de nossa região. Um desses momentos foi o “batizado” dele feito pelo companheiro Carreirinha (Jamilton), numa rara fotografia que fiz, em uma rodada de prosas (regada a um bom destilado de cana) quando o agricultor lhe colocou um chapéu de couro na cabeça e depois deu-lhe um abraço, como se dissesse: “esse é um dos nossos mantos de proteção e você é um dos nossos!”.

Sempre tive um apreço muito grande por ele, que tinha memória de salmão. Quando nos encontrávamos, ele já vinha de mão estirada, sorriso no rosto, e dizia: “como vai, Iremar?”.

De tanto gostar do Oeste da Bahia, depois de sua passagem, suas cinzas foram aqui depositadas, num cerimonial simples, como simples era ele, para renascer nas folhas de um pé de ipê roxo e nas águas do rio Arrojado, que ele aprendeu conosco a tanto amar.

Sempre que lembro dele, me vem a “largueza dos gerais”, cantada na canção Lira do Povo, do Poeta Genésio Tocantins: “Sou filho das lavadeiras, parceiro dos bem-te-vis, amor da ‘fulô’ que cheira, quero-queros, juritis, dos Pampas, dos boqueirões, das aldeias, das favelas, namorado das estrelas, nação Tupi-Guarani. A vida na voz da gente não para, nunca envelhece, as flores bordam canteiros, se uma seca, outra floresce, afino a lira do povo, nem senhor, nem escravo, vida andeja, índio bravo, na largueza dos gerais, filho de muitas cantigas entoa um canto de paz”.

Que o seu exemplo de vida, como cidadão do mundo, professor, homem, militante das causas do povo pobre, continue a nos inspirar, em tempos cada vez mais áridos e escasso de compaixão humana.

Jamilton Magalhães (Carreirinha), camponês do Fecho de Pasto do Gado Bravo a Lodo, em Correntina – BA, e liderança dos movimentos sociais da região:

Num momento de passagem do Carlos Walter, aqui, pela região, ele fez algumas críticas, alguns alertas, apontou muitos caminhos para a luta nossa, das comunidades de Fundo e Fecho de Pasto, que têm como objetivo manter o Cerrado em pé. Ele falava muito da sustentabilidade do Cerrado com os fechos. Essa questão mesmo da produção de água pelo Cerrado. E das riquezas que têm no Cerrado e que o Cerrado pode nos proporcionar, ele de pé! Tanto é que ele falava do extrativismo, também como fonte de renda. Foi quando ele citou o CEDAC, que é o Centro de Desenvolvimento Agroecológico do Cerrado. E hoje a gente tem uma parceria com o CEDAC. Já vai com uns dois anos que a gente trabalha com o extrativismo comercial no Cerrado, tanto das ervas medicinais, como das frutas. É grande a potencialidade de frutos alimentícios que tem no Cerrado.

Da convivência que eu tive com ele, ficou esse alerta para defender o patrimônio do povo do Cerrado, que ali usa de forma agroecológica, de forma sustentável, como as Comunidades Tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto vêm usando. E isso como fonte de renda, com o extrativismo. Hoje a gente vende vargem de barbatimão, que no ano passado, um saco de 25



kg chegou a valer mais que um saco de soja! Então é isso que ele colocava, a questão da autossustentação que pode vir do Cerrado, que o Cerrado tem tanta coisa que pode ser explorada como fonte de renda pra quem de fato tá vivendo ali. Basta que as pessoas vejam isso com bons olhos. Ele deixava muito claro que o agronegócio não é negócio para as comunidades, não é uma coisa lucrativa. O agronegócio em si tem muito custo, né? Pra o governo em si, ele tem um custo. Então, o Cerrado em pé pra nação, pra o governo, ele tem mais lucro do que o Cerrado destruído, traduzido em soja, essas tais commodities pra especulação, né?

Ele colocava isso com bastante clareza. Na verdade, uma das coisas que as comunidades não têm é mídia que possa tá divulgando esse trabalho, esse modo de viver. Ele colocava exatamente isso, do modo de vida das pessoas, que a longas datas vivem, sobrevivem naquele local, cuidando, tendo um jeito próprio de criar gado, que cria família, que compra, que vende e que tem um certo equilíbrio financeiro. Talvez não seja uma das melhores vidas, mas não é uma das piores, é uma vida que pra quem viveu deixa saudades... As pessoas que vivem no Cerrado, que tem a lida ali diariamente, não quer outra vida. Ali já sustentou famílias, já criou gerações... A grande mídia e o governo mostram totalmente o contrário. E hoje tá tudo sendo “tratorado”.

3. Assessoria em eventos da CPT

Dos muitos eventos promovidos pela CPT ou em que ela estava envolvida, trazemos três a título de exemplo do que neles contribuía Carlos Walter e como suas inspirações eram influentes.

3.1. Por uma outra reforma agrária

Marcou época o encontro de formação dos/as agentes da Campanha “De olho aberto para não virar escravo”, da CPT, sobre a atualidade da questão agrária brasileira, na Casa Dona Olinda, em Araguaína -TO, entre 30/09 e 02/10/19, com assessoria de Carlos Walter. Os debates foram tão intensos e aprofundados, que nós resolvemos, ao final, inspirados por ele, lançar um manifesto – “Por uma outra reforma agrária”.¹⁷ Diz o documento no início:

Não se combate o trabalho escravo sem combater a concentração fundiária e sem pensar em novas possibilidades de vida digna que garantam às comunidades autonomia e bem viver. Não se combate o trabalho escravo sem reforma agrária. E, hoje, não podemos pensar em reforma agrária sem atribuir a ela outros sentidos e outras perspectivas para superar os desafios.

O documento, em que é notória a contribuição de Carlos Walter, depois de resgatar a centralidade histórica da questão (da reforma) agrária – ele fazia questão de trazer a solução junto da questão – e ampliar o sentido de terra para territórios vividos/demandados pelas comunidades com suas territorialidades e r-existências, qualifica-a no contexto contemporâneo brasileiro e global com seis afirmações que são denúncias e desafios: inquietações e angústias no acompanhamento dos grupos que lutam pela reforma; ratifica a



reforma como quebra do monopólio da terra e do poder; reconhece a responsabilidade do Estado, mas também a autonomia organizativa dos demandantes da reforma; o protagonismo da reforma é destas comunidades, com as diferentes formas de suas r-existências; a garantida destes territórios é ganho para a toda a humanidade em fase cada vez mais avançada de “ruptura metabólica”; a reforma agrária afeita a estas comunidades quer e pode criar um outro mundo, para além de apenas lutar contra o Capital.

O conceito de “ruptura metabólica” ele o desenvolveu num ensaio para seu Pós-Doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, em suas próprias palavras, inspirado nas “ideias trazidas da construção coletiva de conhecimento que se deu nesse rico momento do IV Congresso Nacional da CPT”, em Porto Velho – RO, em julho de 2015.¹⁸

Conclui o manifesto de Araguaína trazendo também para a própria CPT o desafio dos velhos e novos contornos da questão (da reforma) agrária.

O que nós fazemos como CPT estudando as novas configurações da reforma agrária é saber onde entramos nesse processo sem atrapalhar e ajudando o máximo possível. Precisamos entender histórica e contemporaneamente o campesinato e as campesinidades, e só podemos fazer isso por tê-los ouvido e compreendido. A permanecer fiéis à sua luta por terra, território e autonomia.

3.2. Tribunal Permanente dos Povos do Cerrado

A Campanha Nacional em Defesa do Cerrado, que reúne cerca de 56 movimentos e organizações sociais, entre as quais a CPT, promoveu entre 2019 e 2022, o Tribunal Permanente dos Povos do Cerrado.¹⁹ Carlos Walter foi um dos mais ativos e influentes participantes e assessores de todo o processo, em especial de sessões e peças – participou de duas das oito que embasam a Acusação Final.²⁰ Foram 49 sessões, 15 casos analisados na final, com sólidas bases de investigação, violações e responsabilidades detectadas e condenadas e recomendações feitas. Ao final do veredicto,

o Tribunal reconhece, com admiração e gratidão, todos os povos, comunidades, mulheres e homens, crianças e adultos, e organizações que, com os seus testemunhos, e de forma conjunta e coordenada, deram visibilidade às suas experiências, dando conta da profundidade, persistência e intensidade crescente da destruição dos seus territórios, bem como do impacto sobre a sua autonomia, a sua saúde, as suas condições de vida e a sua dignidade humana. A ancestralidade que dá expressão às suas raízes identitárias, tradições e costumes permitiu-lhes sobreviver ao longo da história por meio de modos de vida em harmonia com as condições de potencialidade dos seus ecossistemas. A memória coletiva tem-lhes permitido resistir a uma história de colonização, opressão, predação, exploração e segregação nos processos de expansão capitalista sobre os seus territórios e as suas vidas. A força, a coragem e a determinação também lhes permitiram reexistir, reinventar-se e imaginar um futuro de cumprimento dos mandatos constitucionais.²¹



3.3. Estudo sobre Comunidades de Fundo e de Fecho de Pasto na Bahia

A CPT tem como uma de suas principais agências de cooperação, como também de outros parceiros na Bahia,²² a MISEREOR, da Igreja Católica alemã. Os relatórios destas entidades apoiadas traziam cada vez mais a presença das Comunidades Tradicionais de Fundo e Fecho de Pasto,²³ e a agência patrocinou, em 2018, um estudo que investigasse suas potencialidades e demandas socioambientais.²⁴ Indicamos Carlos Walter como um dos investigadores e a agência, o engenheiro agrônomo e consultor Alвори Cristo dos Santos. Foi um tempo de mais intensa proximidade e cumplicidade e aprendizagem, ao percorrer 10 destes territórios, acompanhados de agentes da CPT – BA.

Em resumo, o estudo revelou 08 lições estratégicas que passaram a fazer a diferença na condução das lutas: 1) As comunidades têm fortes raízes de populações indígenas e de quilombolas, com manejo territorial ancestral, em forma de “criatório extrativista de solta” que permite perspectiva de vida no semiárido; 2) Mosaico de territórios e unidades produtivas territoriais, com formas ancestrais de criatórios que exigem organização e articulação sociopolítica; 3) Manejo de rebanho com critérios “técnicos” comprovados, nem sempre explicáveis pela racionalidade cartesiana; 4) Preservação dos biomas, com ativos ambientais nem sempre contabilizadas e superiores a outras áreas nos mesmos biomas; 5) Estratégias de diversificação com perspectivas a segurança alimentar; 6) As comunidades geram renda; 7) Inovações tecnológicas sociais e 8) Os territórios se encontram em diferentes condições e tendências de fragmentação por fatores climáticos e diferentes formas de grilagem promovidas, direta e indiretamente, por projetos de desenvolvimento.²⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os depoimentos e relatos de eventos aqui trazidos e assim sistematizados tenham sido suficientes para re-cordar e dar notícia do que foram estes quase 20 anos da relação de convivência, assessoria e parceria do professor Carlos Walter com a Comissão Pastoral da Terra. Nesta ele deixou marcas com suas contribuições únicas, que acreditamos serem ilustrativas, ao menos em parte, do que foi a obra monumental deste exemplar cientista militante das Geo-grafias.

Ao final, ao menos dois aspectos, que nos parecem de relevada importância atual, merecem destaque: o multiculturalismo e o ecologismo.

Carlos Walter nos alertava sobre a necessidade de aceitar o debate teórico-político que se impõe a partir das atuais insurgências emancipatórias, como as do campesinato, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais. Um debate, por certos aspectos, autocrítico, porque não seria mero reflexo da luta contra setores empresariais e políticos que se opõem explícita e violentamente ao direito à diferença, mas também a crítica inadiável

“de um certo tipo de multiculturalismo e pluriculturalismo que abre espaço para várias formas de essencialismo: os territorialistas (regionalismo, nacionalismo, bairrismo, localismo), etnicismos e racismos. Não devemos menosprezar, pelas nefastas consequências que têm, todas essas modalidades de fundamentalismo. A diferença é tão sutil como radical – todo movimento de afirmação do direito à diferença parte da diversidade cultural como um atributo da espécie humana e, aqui, é preciso ressaltar o caráter cultural dessa diversidade, como invenção de cada povo, para recusar o essencialismo racista. Uma perspectiva emancipatória não pode



*ver a sua fonte, a diferença, como essência já dada desde sempre e para sempre, mas, sim, como estratégia cognitiva e política de afirmação e construção”.*²⁶

Carlos Walter nos convidava para ir além na irrenunciável afirmação da identidade e diversidade culturais, porque nos defrontamos com o pluri e o multiculturalismo, inimigos epistêmicos relativamente recentes, que “reconhecem a diferença e a congelam e/ou guetificam”.

Chamados, mais uma vez, a serem protagonistas deste debate e deste novo enfrentamento são os povos e as comunidades:

Tudo indica que a afirmação da diversidade e o legítimo direito à diferença devam mergulhar na compreensão dos complexos mecanismos por meio dos quais a opressão, a injustiça e a exploração buscam se legitimar, o que significa compreender as relações entre as dimensões cultural, social, econômica e política e buscar novas epistemes entre os protagonistas que estão impulsionando processos instituintes de novas configurações territoriais. Afinal, não é isoladamente que cada grupo subalternizado é mantido nessa condição. É o isolamento de cada qual que é condição do isolamento de cada um.

A propósito, vem a calhar a observação de Adalton Marques, antropólogo, professor da UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco e colaborador da CPT Juazeiro – BA:

*O que eu gostaria de indicar, é que a evocação de Marx e de teorias sobre o capitalismo – assim como sobre racismo, gênero, antropoceno, decolonialidade etc. – não é um problema para a CPT, mas uma exigência. A questão toda é como domesticar esses debates para que seus diagnósticos poderosos caminhem com o trabalho pastoral junto aos povos da terra e das águas, e não como explicações que descartam seus saberes.*²⁷

Com relação à ecologia, Carlos Walter tinha herdado a clareza sintética de Chico Mendes, de quem repetia a ideia, lição compartilhada desde os tempos de Xapurí – AC acompanhando os “empates” dos seringueiros: “Não há defesa da floresta sem os povos da floresta”, mandamento fundamental também para os outros biomas. Como Chico Mendes, desconfiava dos ambientalistas e dos ecologistas, mas, como ele, também não se fechava ao diálogo e, sublinhando o protagonismo dos povos, antes alimentava e orientava o diálogo. Dizia ele:

É preciso estarmos atentos a um dos efeitos mais nefastos da redução da complexa questão climática a uma única variável – a emissão de gases de efeito estufa (CO², em particular), com o que se abre espaço para a financeirização da natureza com o mercado de carbono (Moreno et al, 2016). A sobrevalorização da escala global no debate acerca das mudanças climáticas – “aquecimento global”, “mudança climática global” – tem levado à desconsideração da natureza desigual das mudanças ambientais



*na geografia do desigual sistema mundo, inclusive das próprias mudanças climáticas. Com isso, não se identificam os responsáveis por essas mudanças às escalas locais e regionais.*²⁸

Para a CPT a memória de Carlos Walter não se limita à ritualidade da celebração da vida de um irmão querido, amigo sincero e generoso, cientista social criativo e inovador, cuja importância é reconhecida internacionalmente. Recordar significa atualizar algumas contribuições preciosas, que continuam nos interpelando e provocando. Posturas teóricas, que nos ajudam a entender a beleza da sintonia que marcou a nossa convivência.

Temos a impressão de que Carlos Walter possa ter encontrado na CPT as mesmas inspirações que caracterizaram a sua biografia de cientista da Geografia, inevitavelmente obrigado pela realidade a desposar a causa dos povos originários e tradicionais da Abya Ayala pré-americana, dos povos originários r-existentis.

E quais são essas inspirações, que, desde os tempos germinais, continuam iluminando o serviço da CPT?

Em primeiro lugar a afirmação na práxis pastoral do "protagonismo camponês" na resistência e nas lutas anticapitalistas e anticoloniais.

Em segundo, a "autonomia relativa", que inicialmente configurou a liberdade da CPT de certas pressões eclesiásticas, mas que seguidamente inspirou as relações com o Estado e o mercado, não reduzida a mero princípio regulador da CPT, mas postura pedagógica num acompanhamento pastoral que privilegia processos de autonomia territorial e cultural de povos e comunidades, que porém não podem se subtrair à relação conflitiva e negociada com os inimigos. "Autonomia relativa" que preza relações ecumênicas e independência política. E nós da CPT encontramos em Carlos Walter um companheiro da caminhada, mais do que um assessor, que nos ajudou a entender melhor a nossa identidade pastoral.

Carlos Walter é, sem dúvida, representante da academia, mas não se rende totalmente à lógica do mundo universitário, porque foge, desde cedo, de certas armadilhas escondidas na metodologia científica e, sobretudo, se recusa a assistir de camarote à realidade reduzida a objeto e espetáculo. E não se trata, evidentemente, da sobreposição da ideologia do militante político sobre a episteme científica, porque é justamente a partir das epistemes originárias e tradicionais, "os saberes e os sabores" – sabedorias –, que é conduzido a descobrir o caráter colonialista da episteme ocidental, sem, porém, renunciar ao rigor metodológico, o que autoriza e legitima sua assessoria.

Em suma, ele, com todo seu vasto conhecimento, sustentado por uma grande e importante produção bibliográfica contínua, com a humildade e simplicidade que o caracterizavam, nos ensinando como deveríamos sistematizar as nossas experiências pastorais, certamente com rigor científico, mas, sobretudo, com a preocupação de aprender sempre informações novas e relevantes para o processo de luta, a partir da escuta e do diálogo com as comunidades camponesas e seus apoiadores cúmplices. Com ciência, militância e afeição.

Carlos Walter presente!

NOTAS

1 - Ruben Siqueira, agente da CPT há 43 anos, atualmente assessor da CPT Bahia, graduado em Filosofia e Pedagogia, mestre em Ciências Sociais. Flavio Lazzarin, padre italiano *Fidei Donum*, agente da CPT



- 11 - 7 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Violência e democracia o campo brasileiro: o que dizem os dados de 2003. In: Conflitos no campo Brasil 2003. Goiânia, Centro de Documentação Dom Tomás Balduino / CPT Nacional, 2004: pp. 09-26. Disponível em: <https://cptnacional.org.br/downlods?task=download.send&id=247&catid=41&m=0>. Acesso em: 12 jun. 24.
- 12 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A reinvenção dos territórios na América Latina/Abya Yala. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México / Instituto de Investigaciones Sociales, 2012.
- 13 - PORTO-GONÇALVES, C. W. (2010). De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. GEOgraphia, 8(16), Para além do essencialismo, pp. 48-50. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2006.v8i16.a13521>.
- 14 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; CHAGAS, Samuel Britto das. Os pivôs da discórdia e a digna raiva: análise dos conflitos por terra, territórios e água em Correntina-BA. Bom Jesus da Lapa, Editora Bom Jesus, 2019. Disponível em: <https://lemto.uff.br/?p=183>. Acesso em: 14 jun 24.
- 15 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter; CHAGAS, Samuel Britto das. A dinâmica do complexo de poder da soja e o acirramento dos conflitos territoriais nos cerrados brasileiros. In: Cadernos CEBRAP Sustentabilidade, Vol. 2, N. 1, Jan 22. Disponível em: https://cebrapsustentabilidade.org/assets/files/Cadernos_Cebrap_Sustentabilidade_n_1_2022.pdf. Acesso em: 16 jun 24.
- 16 - CHAGAS, Samuel Britto das. Carlos Walter: um intelectual orgânico nas lutas camponesas. In: GEOgraphia – Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. No prelo.
- 17 - COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. Por uma outra reforma agrária. In: Conflitos no campo Brasil 2019. Goiânia, CEDOC/CPT - Campanha de olho aberto para não virar escravo, 2020: pp. 128-134. Disponível em: <https://cptnacional.org.br/component/jdownloads/?task=download.send&id=14195&catid=41&m=0&Itemid=1419>. Acesso em: 17 jun 24.
- 18 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Luta pela terra. Luta pela Terra. Ruptura metabólica e reapropriação social da natureza. Researchgate. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/371964542_Luta_pela_terra_Luta_pela_Terra. Acesso em: 18 jun 24.
- 19 - CAMPANHA NACIONAL EM DEFESA DO CERRADO. Tribunal Permanente dos Povos em Defesa dos Territórios do Cerrado. Disponível em: <https://tribunaldocerrado.org.br/>. Acesso em: 16 jun 24.
- 20 - CAMPANHA NACIONAL EM DEFESA DO CERRADO. Acusação Final – contexto justificador da acusação de Ecocídio-Genocídio (Cultural) no Cerrado. Disponível em: https://tribunaldocerrado.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Parte-1-Contexto-Acusacao-Final_VF.pdf. Acesso em: 16 jun 24.
- 21 - CAMPANHA NACIONAL EM DEFESA DO CERRADO. 49ª Sessão em defesa dos territórios do Cerrado (2019-2022). Disponível em: https://tribunaldocerrado.org.br/wp-content/uploads/2022/10/TPP_Senteca_Final_Cerrado_29_9_22.pdf. Acesso em: 16 jun 24.



22 - Associação de Advogados/as de Trabalhadores/as Rurais (AATR-BA) e Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA). O estudo contou também com a colaboração das próprias comunidades e suas organizações e do Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (SASOP).

23 - São comunidades remanescentes da época de dissolução das Sesmarias, em 1822, no Cerrado e na Caatinga, caracterizadas pelo uso comum da terra por famílias camponesas para a criação extensiva (ou “na solta”) de animais – mais gado vacum no Cerrado e mais caprinos e ovinos na Caatinga – e extrativismo. Hoje, reconhecidas por lei, estão restritas à Bahia.

24 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter & SANTOS, Alvorí Cristo dos. Estudo sobre a aplicação do conceito de fundo e fecho de pasto e das estratégias econômico-produtivas acompanhantes Estado da Bahia – Brasil / Resumo Executivo. Bahia, CPT / AATR / IRPAA / MISEREOR, 2018. Disponível em: https://www.misereor.org/fileadmin/user_upload_misereororg/cooperation/pt/avaliacao/estudo-fundo-e-fecho-de-pasto-resumo.pdf. Acesso em: 14 jun 24.

25 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter et alii. Cartilha Sustentabilidade das Comunidades de Fundo e Fecho de Pasto. Estado da Bahia, CPT – BA, AATR – BA, IRPAA, MISEREOR. 2019. Disponível em: https://cptba.org.br/wp-content/uploads/2021/02/cartilha_v7-1.pdf. Acesso em 13 jun 24.

26 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. Niterói, Programa de Pós-Graduação em Geografia / Universidade Federal Fluminense, 2020. Disponível em: https://posgeo.uff.br/wp-content/uploads/sites/256/2020/06/texto_carlos_walter.pdf. Acesso em: 17 jun 24.

27 - MARQUES, Adalton. Se você está procurando a prisão, você encontrou a terra: pensando periferia e encarceramento a partir da CPT Juazeiro. In: Debates do NER, Ano 22, v. 41. PPGAS/UFRGS, Porto Alegre, 2022: pp. 87-113. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/125452/86617>. Acesso em: 15 jun 24.

28 - PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Dos Cerrados e de suas riquezas: de saberes vernaculares e de conhecimento científico. Rio de Janeiro / Goiânia, FASE / CPT, 2019. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacao/download/75-publicacoes-cerrado/14155-dos-cerrados-e-de-suas-riquezas-de-saberes-vernaculares-e-de-conhecimento-cientifico>. Acesso: em 14 jun 24.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

SIQUEIRA, Ruben. LAZZARIN, Flavio. Carlos Walter e a Comissão Pastoral da Terra: ciência, militância e afeição. Revista Tamoios, São Gonçalo, v. 20, n. 5, p. 23-42, Ano. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2024.85960>. Acesso em: DD MMM. AAAA.